

Enfermagem e as vivências de sofrimento moral em tempos de pandemia pela COVID-19

O trabalho da Enfermagem consiste no mais importante elemento nas instituições de saúde: ela que interliga todas as profissões da área da saúde, serviços e atividades, proporcionando continuidade e resolutividade. Suas características e natureza, exigindo empatia e proximidade, fazem com que prazer e sofrimento possam ser constantes paradoxos enfrentados no exercício profissional, o que pode ser ampliado em momentos de enfrentamento de situações que envolvam problemas éticos.

Vivemos momentos de turbulências e enfrentamentos durante o curso da Pandemia da COVID-19: incertezas, medos, adoecimentos, necessidade de redobrar os cuidados e de ainda pensar em um retorno seguro ao seio familiar, fazem parte constante da rotina diária do profissional enfermeiro.

Nossos potenciais e fragilidades estão em constante exposição neste contexto: se, por um lado, demonstramos cada vez mais a nossa característica de ser essenciais e insubstituíveis — já que somos nós das equipes de Enfermagem que permanecemos mais próximos e por mais tempo em situações de potencial exposição nos diferentes níveis de atenção à saúde —, também demonstramos sofrer altas cargas de trabalho que podem gerar adoecimento.

Além de todo esse contexto, silenciosamente, situações de problemas éticos potencializam os desconfortos vivenciados: inúmeras vezes somos levados a realizar escolhas e a tomar decisões contrárias ao nosso conhecimento técnico e aos nossos valores éticos. Quando somos levados a tomar um caminho que reconhecemos não ser o

moralmente adequado, diante de barreiras enfrentadas pelas estruturas organizacionais, pela falta de recursos ou de trabalhadores da saúde, estamos diante de situações de sofrimento moral¹. O sofrimento moral é documentado na literatura, principalmente por profissionais de saúde que atuam no contexto clínico, com destaque para os profissionais enfermeiros, tendo em vista a proximidade da relação enfermeiro-paciente e o tempo constante de permanência desse profissional nas unidades de saúde^{1,2}.

O sofrimento moral se configura como uma vivência de experiências dolorosas, como angústia e insegurança, provenientes do confronto entre os desejos e as necessidades do trabalhador e as exigências da organização do trabalho³. É possível desencadear tal fenômeno também diante de dificuldades do cotidiano, tais como: a organização do serviço, as políticas organizacionais — que influenciam no exercício do poder, na baixa autonomia profissional, nas restrições de tempo e de recursos, associado aos altos níveis de responsabilidade —, e, principalmente, podemos retratar importantes vivências de sofrimento moral diante do enfrentamento da pandemia da COVID-19.

Sabemos o que fazer clinicamente. Sabemos o que deve ser decidido pelo melhor interesse dos pacientes, famílias e colegas de trabalho. Sabemos quais as melhores condutas e procedimentos. No entanto, somos impedidos inúmeras vezes de realizar essas escolhas por falta de insumos, de pessoal, de medicamentos e, principalmente, de leitos. Sofremos e retornamos diariamente ao nosso trabalho buscando fazer aquilo que é possível, entendendo

que uma centelha de luz pode fazer toda diferença em períodos de escuridão.

Na conjuntura dos fatores que levam a sofrimento moral, estes podem ser categorizados como internos, representados pelas características pessoais do trabalhador, incluindo sua história de vida, personalidade, autoconhecimento, medo e falta de conhecimento; e externos, atrelados à atividade laboral, como, por exemplo, condições de trabalho impróprias, processo ensino-aprendizagem ineficaz, gestão dominadora, ambiente organizacional desequilibrado, relacionamento interpessoal indigno e conflitos entre equipes nos ambientes de prática hospitalar^{1,2}. Para um enfrentamento adequado deste momento, em que os medos e o sofrimento moral parecem avassalar nossos pensamentos, quais desses fatores desencadeadores podemos buscar eliminar? A resposta talvez esteja na necessidade de uma união, luta e integração da Enfermagem que talvez jamais tenha existido em nossa história. 🐦



FOTO: Arquivo Pessoal

Prof. Dr. Edison Luiz Devos Barlem.

Enfermeiro, Doutor em Enfermagem. Diretor da Escola de Enfermagem da FURG. Tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Ética e Bioética. Bolsista de Produtividade 1D do CNPq.

Referências

1. Barlem ELD, Ramos FRS. Constructing a theoretical model of moral distress. *Nurs. ethics.* 2015; 22(5): 608–615.
2. Ramos AM, Barlem ELD, Tomaszewski-Barlem JG, Figueira AB, Dalmolin GL, Lunardi VL. Moral distress and professors of nursing: A cluster analysis.

Nursing Ethics. 2020; 27(4): 1157-1167.

3. Ramos AM, Barlem ELD, Barlem JGT, Rocha LP, Dalmolin GL, Figueira AB. Cross-cultural adaptation and validation of the Moral Distress Scale-Revised for nurses. *Rev Bras Enferm.* 2017;70(5):1011-7.